

TRANSFOBIA: O ERROS QUE COMETEMOS.

Iniciamos nossas considerações com uma pergunta direta: qual seria a sua reação neste momento, se estivessem diante de uma ameaça real e desconhecida? Imaginem que estejam diante de uma cobra ou uma aranha e sua mente reaja como se existisse uma ameaça real e desconhecida; real porque está diante de seus olhos e desconhecida por não saberem qual o próximo passo do seu potencial agressor; creio que a reação mais comumente aceita seria atacar antes de ser atacado, mesmo desconhecendo se este suposto agressor tenha a verdadeira intenção de causar-lhe mal. Em nenhum momento passa por nossas mentes que a dita cobra ou aranha também esteja atemorizada diante de alguém muito maior que ela, impedindo-a de seguir seu caminho, e que sua intenção não é o ataque, mas sim a defesa.

Percebam que trata-se de uma reação natural quando o medo transforma-se em aversão, a aversão se transforma em repulsa, a repulsa se transforma em reação e a reação desencadeia um processo violento; a raiz da palavra “fobia” é medo e esse sentimento cumpre no cérebro uma sequência de processos bioquímicos que fazem o corpo reagir. Em suma, temos sempre medo daquilo que desconhecemos ..., e desconhecemos a orientação de gênero, razão pela qual temos a tendência a reagir de maneira negativa ou até mesmo violenta. Faz parte da natureza humana, desde os seus primórdios, aceitar que as relações devam ser, exclusivamente, heterocisnormativas, isto é, que partem do pressuposto de que são socialmente aceitáveis apenas as relações entre pessoas de sexos opostos, excluindo desse conceito qualquer outra espécie de relação de origem em diferentes orientações sexuais.

Prima facie, consideraremos que a principal razão para a transfobia frutificar no meio social, destilando ódio e conseqüente violência, possua raízes fincadas no puro desconhecimento; imagine-se incompreensível que um rapaz tenha desejo de ver-se como mulher e vice-versa. Alguns afirmam que a orientação sexual surge truncada já no nascimento quando busca-se definições específicas quanto à sexualidade do recém-nascido tomando como referência o aspecto biológico e deixando de lado o aspecto psicológico. A resultante, aparentemente, indesejável, consiste que o desacordo entre ambos aspectos ocasionem dúvidas quanto à orientação sexual desse novo indivíduo. Picazio, em sua obra **“Sexo secreto: temas polêmicos da sexualidade”**, ressalta que, para compreendermos a transexualidade, é necessário entendermos que o sexo biológico e as características físicas não determinam a identidade sexual do indivíduo ou a percepção que este tem de si mesmo. Além disso, se *‘a sexualidade é um aspecto central de nossa personalidade, por meio do qual nos relacionamos com os outros’*.¹

Vemos aí, portanto, o cerne da transfobia oriunda de puro desconhecimento, quando não compreendemos que a pessoa com dúvidas quanto à sua orientação sexual seja produto de um transtorno de identidade de gênero, gerado por um desejo de viver e ser aceito enquanto pessoa do sexo oposto; e essa ausência de compreensão, por causar um enorme desconforto social coletivo, induz a uma reação, via de regra, negativa que se manifesta por uma aversão ao dito indivíduo descarregando sobre ele sentimento de repulsa.

Imaginemos por um momento toda a angústia e sofrimento psicológico a que esse indivíduo é submetido enquanto enfrenta um processo dicotômico; por um lado ele se sente desconfortável posando e agindo com se pertencesse ao seu sexo biológico e por outro, tem enorme temor de assumir um posicionamento, tanto pelo aspecto familiar como também pelo aspecto social. Lembremos que somos fruto de nosso processo de socialização, razão pela qual o meio tem enorme influência sobre como agiremos ao longo da vida. Porém, não nos enganemos com a falácia de que o abuso infantil sofrido dentro do círculo familiar possa ter sido alterado por conta do abuso sofrido nesse período. A única evidência que deve ser relevante diz respeito ao acolhimento, ou ausência dele, durante o convívio familiar e social.

A pessoa que exsurgirá desse convívio será, possivelmente, um indivíduo marginalizado ou ignorado que terá o enorme encargo de seguir em frente buscando seu lugar dentro de uma sociedade que não o reconhece e quando pode o rechaça. Observemos o excerto a seguir:

Sendo assim, como as pessoas trans não possuem qualificação nenhuma para o mercado formal de trabalho, a prostituição acaba sendo um caminho escolhido, porém, ela nem ao menos é reconhecida como profissão – ela não é protegida por direitos e muito menos deveres regulamentados por leis.

Logo, tal atividade laboral acaba sendo marginalizada pela sociedade. Entretanto, o problema não é a prostituição em si. O grande problema é ela ser discriminada e ser a única opção disponível: a pessoa é obrigada a vender o próprio corpo para conseguir sobreviver.²

Essa é a sina de uma pessoa considerada fora dos padrões socialmente aceitos, pois sem qualificação, formação e apoio, nada mais lhe resta senão enveredar por um labirinto desconhecido, sobrevivendo como pode. De outro lado, optando ele por suprimir sua sexualidade em favor de uma sobrevivência mais digna, teremos aí um indivíduo incompleto, frustrado e incapaz de externar seus reais sentimentos, vivendo diuturnamente sob o manto de uma sexualidade que não o satisfaz e muito menos o realiza enquanto pessoa.

Adotando qualquer uma das posições acima mencionadas, esse indivíduo estará, inevitavelmente, sujeito à reações de caráter transfóbico, desde a repulsa, passando pelo escárnio e chegando até a violência. Cabe um breve destaque: optou-se por uma análise a partir da transfobia, porém não devemos perder de vista que abrange todos os tipos de transtornos de gênero, afetando diretamente indivíduos que merecem e precisam ser tratadas como pessoas no conceito mais amplo do substantivo que precisa ser adjetivado de maneira respeitosa, sendo desnecessária a abordagem do ponto de vista da teoria “queer” de Judith Butler³, já que essa variante diz respeito àquele de sexualidade desviante que não deseja ser integrado ou tolerado, pedindo perdão pelo reducionismo, pois o que nos interessa aqui é justamente a aceitação ou rejeição do indivíduo pela sociedade.

Vamos tentar entender as razões que levam pessoas a tornarem-se violentas em relação a indivíduos transsexuais. Retomando o que dissemos anteriormente, o indivíduo heterossexual por desconhecer e conseqüentemente ter medo daquele que não se coaduna com o esteriótipo socialmente aceito tende a buscar suprimi-lo valendo-se dos meios atávicos que conhece e que tem nascedouro na própria natureza humana que usa a violência como meio repressivo.

Inicia-se, então, pelo preconceito estrutural onde os valores heteroafetivos são adotados como únicos parâmetros adequados para a convivência social. Deste modo, todo aquele que age ou se manifesta em desacordo com esses valores deve ser rechaçado por todos os meios, e se ainda assim ele persiste em manter seu posicionamento, não resta alternativa ao heterossexual senão valer-se do uso da força extrema e dotada de pura e gratuita agressividade, pois temos a tendência inata de reagirmos com violência quando desejamos combater ou suprimir algo que agride nossa percepção de realidade socialmente orientada; desta maneira, comportamentos que não se coadunam com aquilo que entendemos como expressões do ideário heteroafetivo precisam ser reprimidas a qualquer custo, tanto para salvaguardar a plenitude heterossexual como também assegurar que o convívio social não será afetado por eventuais desvios indesejado.

Temos ainda a desinformação como elemento caracterizador de comportamentos transfóbicos; a ausência de compreensão de identidade transsexual, bloqueada pela heterocisnormatividade, o indivíduo tende a registrar esse evento como “estranho” ou mesmo “errado”, tomando uma atitude transfóbica, revestida por violenta reação justificada por uma espécie de legitimação social atuando como instrumento protetivo de seus semelhantes.

Outro fator preponderante encontra-se sediado no *aspecto religioso*. Dogmatismo costuma ser, particularmente, intolerante quando tem seus valores e crenças rejeitados ou contestados por aquele que, aos seus olhos, é “diferente” ou “desconhecido”. O próprio discurso religioso adota uma temática radical, classificando como “desvios da normalidade” a orientação sexual de alguém cujas atitudes consistem em agressão à individualidade dos demais.

Segue-se ainda outro componente caracterizador da transfobia identificados como adoção de *estereótipos*, que são imagens preconcebidas ou padronizadas e, neste caso, temos os esteriótipos de gênero que limitam formas de expressão da sexualidade, não admitindo que existam particularidades individuais que precisam ser compreendidas e aceitas. E quando esse estereótipo não enquadrado como masculino e/ou feminino se manifesta, mais uma vez adota-se uma postura contestatória e negativamente reativa.

Por fim, chegamos ao ponto mais doloroso de nossa identificação de razões que embasam a transfobia, e que se revela por meio da estigmatização e discriminação. Por meio de uma interpretação oblíqua e pouco racional, há uma tendência a tratamentos negativos e pejorativos em relação a pessoas cuja orientação sexual destoe do que é considerado “normal”, em especial os transsexuais e travestis; e isso se dá porque essas pessoas encontram-se em situação de suscetibilidade às condições econômicas e psicológicas que sempre lhe são desfavoráveis. É uma negatividade que surge sob a forma de barreiras limitantes do acesso de transsexuais e travestis, entre outros, a direitos básicos de existência como saúde, educação, moradia, entre outras, violando suas cidadanias.

Vamos salientar que o tratamento semântico de “minorias” concedido a essa população de pessoas é apenas uma atribuição de caráter numérico destituído de conteúdo e forma, motivo pelo qual até mesmo esse “tratamento” pode ser visto como uma forma de agressão sutil e passiva, relegando a um segundo plano social indivíduos que encontram-se à margem apenas porque não se enquadram no ideário social adotado como correto e aceito.

Não é nossa intenção aqui discorrer sobre a criminalização da transfobia, até porque entendemos que foi uma medida tardia, além da constatação de que, muitas vezes, Direito e Justiça não caminham de mãos dadas; o que nos interessa de fato é, compreendendo as razões que conduzem o sujeito à prática de atos transfóbicos possamos romper essa barreira preconceituosa que não apenas limita, mas também ceifa a vida de semelhantes que possuem os mesmos direitos e garantias concedidos a todos.

Quando uma pessoa, (lembrando que o termo “pessoa” diz respeito a ser consciente, com arbítrio próprio que apresenta plena capacidade mental, e é responsável pelos seus atos), descobre que sua sexualidade psicológica difere da sexualidade biológica, forma-se um dilema interno que tende a ser combatido de início, já que sua formação e orientação social impõe limites à sua própria aceitação e que será estendido para o meio em que vive, causando ainda mais tensão, medo e dúvidas, teremos uma pessoa que carece de compreensão, apoio e aceitação, não sendo, portanto, admissível sua marginalização apenas por almejar ele ser o que sente e pensa e não “formatado” dentro de um contexto opressor e por vezes violento.

Transsexualidade precisa ser contextualizada, primeiramente, pelo aspecto emocional e em seguida pelo aspecto social. A partir do momento em que a pessoa aceita-se como se vê e não como é vista, deu o primeiro passo para compreender seu lado emocional e dividi-lo com aqueles que lhe são próximos. Ou seja, o primeiro passo está em amar a si próprio, pois somente assim poderá demonstrar àqueles que lhe são importantes que sua assunção sexual lhe causar enorme bem-estar como pessoa.

*“Ser essência é ser você mesmo. Ser trans não significa ser diferente. Você apenas optou por um caminho diferente do convencional. Acredite e tenha fé que essa situação foi proposta para a sua melhoria íntima. Como seres humanos, somos iguais, mas depende de cada um trilhar o seu próprio caminho para evolução. Busque desenvolver suas aptidões, hábitos saudáveis, estar em paz consigo mesmo, sem que críticas alheias lhe tirem o sossego de estar no processo de autoconhecimento”.*⁴

O depoimento acima transcrito comprova e reforça a ideia de que o primeiro passo é a autoaceitação como um processo de autoconhecimento interior, deixando de lado aspectos externos e concentrando-se no seu próprio “eu” interior. Ao fazer isso, a pessoa adota uma posição que pode ser transmitida aos mais próximos com o intuito de criar um elo que lhe permita compartilhar o que sente e o que é enquanto pessoa. Todavia, todo esse processo fica extremamente comprometido quando a pessoa vê-se em uma situação de constrangimento oposta por alguém que, mesmo sem conhecê-lo, odeia sua existência e tem a firme intenção de eliminá-la ou suprimi-la como meio de assegurar e segurança social de seus semelhantes que também não aceitam a existência de uma pessoa em desconformidade com os princípios de uma sociedade normativa.

*(Nota: Sociedade normativa, é um modelo socialmente instituído que dar legitimidade apenas aos padrões impostos a partir das tradições: sexista; valoriza corpos que correspondem a norma biológica – binária – heterossexual como dado natural, dando superioridade ao sexo masculino e subalternizando o feminino. Expressa aversão as identidades trans: mulheres trans e homens trans – gêneros construídos socialmente).*⁵

Por essa análise maniqueísta, pode-se inferir que o indivíduo transfóbico é todo aquele que defende os princípios de uma sociedade normativa, que para ele é uma sociedade saudável a ser preservada, posto que sua preservação representará a autopreservação. Estamos a poucos passos da marginalização da transsexualidade, já que pessoas pertencentes a esse grupo serão os alvos preferidos dos defensores da chamada “sociedade normativa”, e nada melhor do que iniciar um processo de marginalização por meio da humilhação.

Sem apoio familiar, já que o seio fraterno encontra-se rompido, o indivíduo transsexual torna-se um alvo fácil para a humilhação e o desprezo, como formas de discriminação que são os passos iniciais da violência, que reduz o indivíduo a uma “coisa” a ser evitada, ou ainda eliminada (lembram-se do exemplo inicial de aranhas e cobras?). Trata-se, pois, de um estágio inicial onde a violência se revela por meio de uma violação emocional do indivíduo, fragilizando-o ao ponto de deixá-lo em plena miserabilidade de autoestima e também de autopreservação.

*Ataques a pessoas por causa de sua orientação ou identidade de gênero são muitas vezes impulsionados por um desejo de punir aqueles vistos como desafiantes das normas de gênero e são considerados uma forma de violência de gênero. Você não precisa ser lésbica, gay, bissexual, transgênero ou intersexual para ser atacado: a mera percepção de homossexualidade ou de identidade transgênero é suficiente para colocar as pessoas em risco.*⁶

E eis aqui o erro que cometemos toda a vez que damos as costas para o fato de que transsexuais são pessoas dotadas de sentimentos e sensibilidades, que assim como os demais integrantes da raça humana merecem ser tratados com respeito e dignidade. E quando usa-se a palavra “respeito”, não me refiro ao respeito fundado no medo ou temor, mas sim aquele que nasce da aceitação e compreensão. Aquela frase tão ansiada por ser ouvida quando se realiza o ultrassom afirmando se é menina ou menino, desencadeia uma sequência de expectativas que exigem uma satisfação.

Todavia, trata-se de uma satisfação revestida de autoafirmação social perante o grupo, já que se espera uma prole proficiente e capaz de perpetuar a espécie, alimentando uma ideia destituída de plena afetividade. Deixa-se de lado que filhos e filhas, independentemente de sua orientação sexual constituem nossa descendência e ainda a preservação da memória familiar. A rejeição dessa evidência, certamente, acarretará consequências dolorosas para ambos os lados, já que o descendente rejeitado por sua sexualidade acabará nas veredas de um destino trágico que acabará em um jazigo raso, ou ainda na indigência física e emocional. Observem que dentre as 445 vítimas de 2017, 387 foram assassinadas e 58 cometeram suicídio. A maior parte dos assassinatos aconteceu em via pública (56%), mas uma grande parte (37%) ocorreu na casa das vítimas, detalhe que indica que o crime teria sido realizado por conhecidos. E dessas 445 vítimas de LGBTfobia registradas, 194 eram gays (43,6%), 191 trans (42,9%), 43 lésbicas (9,7%), 5 bissexuais (1,1%) e 12 heterossexuais (2,7%).⁷

Tais números servem apenas para corroborar nossa tese de que os erros que cometemos são fatais, não se limitando apenas aos agressores, mas também aos indiferentes. A transfobia também se esconde naqueles que omitem ou se escusam em envolver-se no assunto, como se pensassem que isso não é um problema deles. Há ainda uma faceta mais maledicente quando não basta vilipendiar a pessoa por sua sexualidade; é preciso atestar que também é consumidora de drogas, ou pertencente a grupo de risco por possível contágio de HIV. E quem faz isso são todos aqueles que não querem se envolver, mas sentem-se seguros em prejudicar apontando a condenação por sua sexualidade, origem étnica, casta social e capacidade de extrair o pior de tudo.

*“Não tem como você virar uma esquina sem sofrer os olhares tortuosos, os comentários maldosos. As pessoas não conseguem assimilar que uma travesti pode ter um emprego formal. Quando uma travesti sai na rua, a primeira coisa que o sujeito faz é parar o carro e perguntar quanto é o programa”.*⁸

Erros que todos nós cometemos, tem início quando damos as costas para os fatos e optamos por adotar a política de que “isso não é problema meu!”; também é nossa responsabilidade perceber que, na maioria das vezes, esse preconceito manifestado por meio da violência, oculta um desejo sexual que precisa ser reprimido, posto que não compatível com os chamados “homens de bem”. É o chamado “Paradoxo Pornô”, onde o macho de família busca incessantemente consumir pornografia trans, revelando um instinto velado de relacionar-se com o que por ele é considerado proibido. Observem o excerto abaixo:

O primeiro ano em que o RedTube colocou o Brasil como o país que mais consome pornografia com pessoas trans foi em 2016. Desde então, estivemos sempre presentes na lista e permanecemos na liderança de outros sites internacionais como o maior público para esses vídeos.

Buscas por termos como shemale, transgender, brazilian shemale e ladyboy aparecem na liderança dessas plataformas em todos os países. Já no Brasil, alguns vídeos chegam a mais de 920 mil visualizações no RedTube, 14.5 milhões no Pornhub e outros quase 45 milhões no XVideos., com buscas pelos termos travesti, travesti brasileira e suas variações.

De acordo com o relatório de 2018 do Pornhub, a busca mundial por pornografia trans aumentou 167% entre homens e mais de 200% entre os visitantes acima dos 45 anos. Já no ano passado, o Brasil ocupou a 11ª posição em acessos na plataforma, com um crescimento surpreendente de 98% na tendência de busca pelo termo transgender – o número mais alto em todo o mundo.

*Ao mesmo tempo, o Brasil seguiu pelo 10º ano consecutivo como o país que mais assassinou travestis e transexuais no mundo todo em 2019, de acordo com os dados do Dossiê dos Assassinatos e da Violência contra pessoas Trans.*⁹

A essência desta análise redonda no fato de que ao relacionar-se com uma pessoa trans, o indivíduo põe em risco sua frágil heteronormatividade que poderia ser contestada permitindo que fosse ele visto também como “gay” pelo resto da sociedade. E esse julgamento deságua na repressão de sentimentos e desejos, tornando-os em algo repulsivo ou errado. Esses homens então valem-se do ódio pelo objeto de cobiça, com coragem suficiente apenas para consumi-los largamente na internet, onde lhes o anonimato é garantido, protegidos pela segurança de não serem julgados por ideologias religiosas, sociais ou políticas. E todo esse ódio prolifera-se ao longo da linhagem como uma herança maldita, validando a falsa moralidade como erro que serve de acerto e preservando o heteronormativo como única e verdadeira razão de ser aos olhos da sociedade.

Por todo o exposto, torna-se impossível não compreender movimentos reativos contrários a toda essa verdade enganosa que serve apenas para turvar a visão para o problema real que reside na importância de reconhecer-se esta “minoría”, como verdadeira integrante de um todo social que precisa entender, aceitar e respeitar a transsexualidade como parte da personalidade humana, transformando o indivíduo em pessoa no sentido integral da palavra.

Por isso mesmo, a criminalização da transfobia, embora seja um marco relevante do ponto de vista de uma conquista social, não é suficiente para mudar o curso dessa história; a compreensão, a aceitação e o respeito decorrente dessa mesma aceitação é, a nosso ver, o verdadeiro caminho para a pacificação social e histórica, rompendo com amarras atávicas que separam, discriminam, humilham e violentam pessoas que deixaram aflorar sua real sexualidade, procurando viver dentro de um conceito de liberdade, igualdade e fraternidade.

O trecho a seguir, representa uma síntese do mundo real em que vivemos:

“Quando feministas excluem mulheres trans de abrigos para mulheres, mulheres trans* são deixadas vulneráveis aos piores tipos de misoginia violenta e abusiva, seja em abrigos para homens, seja nas ruas, ou em lares abusivos. Quando feministas exigem que mulheres trans* sejam excluídas de banheiros femininos e que pessoas genderqueer escolham um banheiro marcado como binário, elas tornam a participação dessas pessoas na esfera pública quase impossível, colaboram com a rigidez das identidades de gênero, a qual historicamente o feminismo lutou contra, e levantam outra barreira ao emprego. Quando feministas ensinam transfobia, elas impedem o acesso de pessoas trans* à educação e às oportunidades que a educação proporciona”.*¹⁰

Resta ainda um questionamento a ser ponderado: o que diferencia o quadro aqui descrito com aquele existente na Alemanha entre os anos de 1939 a 1945? Talvez porque atualmente o massacre trans seja silencioso e velado por omissões e comprometimentos escusos daqueles que buscam defender uma posição dotada de radicalismo rançoso; assemelha-se, muito, a um quase genocídio envolto por dados estatísticos insuficientes, informações truncadas e falsas versões. Não ousamos ter uma resposta para isso, apenas sugerimos que pensamos a respeito e pensemos com respeito.

Dos erros que cometemos, talvez o mais sórdido seja de olhar para o lado, pensando que a heteronormatividade seja o melhor caminho, mesmo que não seja o único; de fato, essa não é uma escolha individual, mas sim uma imposição social; a heteronormatividade aprisiona enquanto a transsexualidade liberta. E como toda a liberdade, ela também tem um preço alto que pode em alguns casos custar a própria vida. Escolhas não são vias de mão única, porém ao fazê-las enfrentamos uma crise; e a raiz da palavra crise é ESCOLHA!. Criminalizar a transfobia foi necessário, todavia não significa que esta será abolida, pois as escolhas persistirão.

- 1 <https://www.scielo.br/j/icse/a/NRwDDXgnRXHQPdLXCmhvjMv/?lang=pt>
- 2 <https://www.telavita.com.br/blog/transfobia/>
- 3 <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/138143/139436>
- 4 <https://www.gazetaonline.com.br/noticias/cidades/2017/08/de-alma-e-corpo-na-propria-identidade-da-rejeicao-a-aceitacao-1014091240.html>
- 5 file:///C:/Users/aj-tr/Downloads/TRABALHO_EV136_MD1_SA_ID21_23032020161650.pdf
- 6 https://www.ohchr.org/Documents/Issues/Discrimination/LGBT/FactSheets/UNFEFactSheet_Homophobic_and_transphobic_violence_PT.pdf
- 7 <https://www.politize.com.br/lgbtfobia-brasil-fatos-numeros-polemicas/>
- 8 <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/um-tapa-na-cara-5322/>
- 9 <https://revistahibrida.com.br/2020/05/11/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/>
- 10 <https://www.labeurb.unicamp.br/endici/index.php?r=verbete%2Fview&id=53>